O CARTEL NOS DEBATES SOBRE A FUTURA ESCOLA[1]

Clarice Gatto

Durante os meses de maio e junho últimos vários colegas fizeram circular na Rede da *Internacional dos Fóruns do Campo Lacaniano* (Ifcl) suas reflexões e proposições para a futura Escola do Campo Lacaniano. Diversos debates se seguiram.

Aproveitando a leitura desses escritos e com a sugestão de uma reflexão mais conceitual por parte da *Equipe de cartéis* da AFCL, reuni abaixo as diversas propostas sobre cartel - fazendo em seguida um breve comentário - de modo que possamos continuar a refletir sobre esse modo de trabalho particular proposto por Lacan: primeiro para a Escola freudiana de Paris, depois para a Causa freudiana enquanto Campo.

1. PROPOSTAS

1a. Proposta (Pierre Bruno[2]):

É favorável a uma reticulação (pequena rede) dos seminários Espaço-Escola pelos cartéis, de tal forma que:

a) eles reconquistem sua função de pesquisa sem excluir sua função de aprendizagem. b) eles reunam os membros do Campo sem levar em conta a sua pertinência a uma lista (de AE ou ACL , cf. minha carta) e os não-membros (já que ser membro de um cartel não implica a pertinência na associação).

2a. Proposta (Colette Soler[3]):

a) Propõe combinar a entrada (na Escola) pelo projeto de trabalho

e pelo cartel...

b) Acrescenta algumas condições para assegurar que isto seja mais do que uma veleidade. Imaginemos: entra-se, analista ou não, sem levar em consideração o estado de avanço da análise (pois não é uma escola de analistas), mas pela contribuição possível ao discurso analítico. Isto supõe evidentemente que se informe sobre o candidato...

c) Propõe - neste caso - uma *comissão de admissão*, mas veria também se o projeto de trabalho, já avançado num cartel, poderia ser apresentado por escrito ou sob forma de exposição oral num lugar adequado, para poder ser levado em conta.

3a. Proposta (Bernard Nominé[4]):

a) Coloca-se do lado das proposições feitas por Colette Soler quanto aos dispostivos de Escola.

4a. Proposta (Jairo Gerbase[5]):

a) Restringe o uso do Cartel.

b) Propõe *Comissão* para o passe em vez de *Cartel* (do passe.)

5a. Proposta: (Luis Izcovich[6])

a) "Não incluo então como específica da Escola a questão dos cartéis, pois por definição os cartéis não necessitam de uma Escola para existir. A prova é que existem cartéis nos fóruns e também que se pode entrar na Escola pelo cartel (Ata de fundação de 64). Logo, o cartel precede a Escola. Poderíamos ampliar este traço até o ponto de dizer: Não precisamos de Escola para o cartel, mas a recíproca não é verdadeira: é importante que existam cartéis no interior da Escola. Se o que falta atualmente não é o trabalho em cartel, o que falta? O que falta nos Fóruns e que não podemos dispensar, se queremos uma instituição segundo os votos de Lacan, é justamente a garantia e a formação."

b) "Nós falamos da entrada pelo cartel. Uma comissão poderia examinar as demandas. O que não quer dizer que ela deva ser a única forma de entrar. Por outro lado, no que diz respeito à entrada pelo cartel, não sou a favor de que ela deva necessariamente abranger o conjunto do cartel, mas o trabalho já feito ou o trabalho em curso de um cartelisante. Esta comissão também poderia pedir a ajuda de passadores, no caso em que um sujeito queira entrar para a Escola dando um testemunho do seu tratamento analítico. Bastaria que a comissão estivesse articulada com a secretaria do passe. Isto não é a entrada pelo passe, mas isto possibilita o recrutamento pelo viés do acreditar no inconsciente."

6a. Proposta (Albert Nguyên[7]):

a) Volta a dar aos cartéis uma dimensão analítica;

b) A entrada na escola pelo cartel;

c) Uma atenção especial com a função do Mais-Um e com a produção dos cartéis.

d) Propõe grupo ou cartéis de pesquisa sobre o fim da experiência analítica;

7a. Proposta (Fórum do Campo Lacaniano da Venezuela[8]):

a) Uma Escola ampla, na qual prevaleça a transmissão e a permutação...

Nessa, o cartel e a clínica compartiriam o assento de honra que lhes assinala Lacan.

8a. Proposta (Antonio Quinet[9]):

a) Os cartéis devem constituir a base da Escola e dos Fóruns. Eles pertencem a ambos conjuntos.

b) Não devem existir a meu ver dois tipos de cartéis, um dos FCL e outro da Escola. Neles pode haver membros e não-membros da Escola e também não-membros de Fóruns. Mas o cartel é inscrito e endereçado à Escola.

c) Quanto à constituição do cartel, proponho seguirmos as indicações de Lacan da fórmula afinada do cartel quando da Causa Freudiana.

d) Os cartéis podem constituir uma porta de entrada para a Escola, não o cartel como grupo, mas, a partir do trabalho em cartel, o cartelisante pode apresentar um projeto de trabalho para entrar na Escola.

e) O cartel a meu ver deve também funcionar para o dispositivo do passe, isto é, o júri deve se constituir em cartel, ou seja, com quatro membros que escolhem um mais-um.

2. COMENTÁRIO

I) A entrada pelo Cartel

Lacan, na "Ata de Fundação da Escola Freudiana de Paris", 1964, escreve na Nota Anexa um "guia do usuário" e propõe a entrada na Escola a partir de dois modos de acesso escritos nos itens: "Da candidatura à Escola" e "Do engajamento na Escola".

O que diz Lacan em "Da candidatura à Escola"?

Ele diz: "Uma coisa é a candidatura a uma Escola; outra coisa, a

qualificação de uma psicanálise didática. A candidatura à Escola exige uma seleção estabelecida segundo seus objetivos de trabalho. O cargo será preenchido, a princípio, por uma simples COMISSÃO DE RECEPÇÃO, chamada CARDO, ou seja, dobradiça em latim, o que indica seu espírito.

Lembremo-nos de que a psicanálise didática só é exigida para a primeira seção da Escola, embora seja desejável para todas."

Em "Do engajamento na Escola" Lacan discerne esses dois modos de acesso:

"O engajamento na Escola se dá agora por dois acessos.

1. O grupo constituído por escolha mútua segundo a Ata de Fundação, e que se chamará "cartel", se apresenta a minha aprovação com o "título do trabalho" que cada um pretende realizar.

2. Os indivíduos que queiram fazer-se conhecer por qualquer projeto encontrarão o caminho útil junto a um membro do CARDO: os nomes dos primeiros a aceitarem o cargo segundo minha demanda serão publicados antes de 20 de junho. Eu mesmo encaminharei a um deles, que me fará a demanda."

Comento. Há uma porta de entrada que se desdobra em dois modos de acesso.

1. "Um projeto de trabalho qualquer" que é a opção para os que querem "se fazer conhecer" - época em que a Escola freudiana de Paris estava recém-criada - e muitos que ali estavam desconheciam os analistas que já haviam dado suas provas em outro lugar (?!) 2. O acesso à Escola pelo "título do trabalho" em um cartel (que é o órgão de base da Escola) aposta no trabalho em grupo a advir e exige dos "trabalhadores" pelo menos que estejam decididos a produzir algo, de cuja finalidade "não se espera outro progresso senão o de uma exposição periódica dos resultados, assim como das crises de trabalho."

Nesse sentido arrisco dizer que o cartel é um lugar que se presta a autorizações também, e como tal confere poder sobre o saber que a experiência decanta. O estranho é que esse trabalho tão interessante venha perdendo ao longo dos anos sua força!

Os modos de acesso à Escola freudiana demarcam, portanto, a particularidade das demandas de entrada a essa "Comissão".

II) Comissão de Recepção, Júri de aceitação e Júri de acolhimento

Na *Ata de Fundação da E.F.P.* Lacan propõe apenas uma única *Comissão de Recepção* ou *Cardo* como lugar de recepção das demandas

de entrada na Escola. Mas não deixa claro como se dará a montagem (e nem a desmontagem) dessa Comissão. É bom lembrar que os significantes "circular" e "permutação" estão presentes em momentos cruciais dessa Ata. Lacan faz questão de lembrar "ninguém deve sentir-se rebaixado por entrar no nível do trabalho de base".

Na *Proposição de 9 de outubro de 1967* (1a. versão) ele substitui a Comissão e propõe dois novos lugares: um *Júri de aceitação* que aceita as demandas de passe e um *Júri de acolhimento* que acolhe as demandas de entrada na Escola.

No Brasil, foram criadas a *Comissão de Acolhimento e Intercâmbio* e a *Comissão Crítica do Passe* no âmbito da Associação Fóruns do Campo Lacaniano.

Circulam entre nós as denominações "cartel do passe" e "cartel de garantia" como propostas de novos dispositivos para a futura Escola. Tendo a concordar com o que disse Luis Carlos Nogueira na Reunião do Fórum Campo Lacaniano de São Paulo em abril que estar em um cartel já é muito. A questão que fica é se será possível desenvolvermos trabalhos à altura do dispositivo de mesmo nome proposto por Lacan.

Essa parte, com certeza, será a mais laboriosa pelo que ela implica de negociação (a ação presente no *Handel* de Freud).

III) Cartel "do" passe?

Curiosamente se produziu - não sei quando, nem onde e nem por quem - uma síntese: cartel "do" passe. Desconheço a história desse novo conceito, e solicito aos que viveram essa passagem trazer sua contribuição, contando-nos a história desse novo conceito[11].

O cartel é uma modalidade de elaboração em grupo proposta por Lacan, e até onde sei, só a encontramos entre lacanianos. A meu ver, é nesse "grupo" que Lacan inclui - mas não só, obviamente - a análise que faz Freud de "*das Ich*" e a psicologia da coletividade. A "periódica exposição dos resultados, como das crises de trabalho" formula essa questão no âmbito do cartel. Resta saber por que Lacan a formula no âmbito do cartel: eis aí uma questão...

Há funcionamento de grupo no cartel. Há idealizações também. Há "crises" que impedem o trabalho inicialmente proposto de prosseguir - as famosas partes "obscenas", os acidentes que a tecnologia moderna pretende esconder, conforme interpreta Paul Virilio. De sobra, há também funcionamento de grupo, idealizações e "crises" no agrupamento onde o cartel se inscreve.

Isto me parece o óbvio. Para não obscurecer os reais problemas Lacan eleva "as crises" - ou o que se pretende esquecer - à categoria de elaboração, promovendo a parte "obscena" a estofo material para nossas reflexões sobre o progresso da psicanálise.

Lacan é muito econômico na formulação do funcionamento em cartel. As Jornadas de Cartéis em 1975 demonstram que a singularidade está na possibilidade aberta para cada um dizer "o que é" o cartel ou "como se trabalha" num cartel. Lá encontramos concepções diferentes sobre o Mais-Um e modos próprios de articular a composição ou o tempo do cartel; ele mesmo se interroga se a composição do cartel não chegaria até seis ao aproximá-lo definitivamente do nó borromeano.

Porém o passe tem sido "a vedete" da grande maioria das reflexões ditas políticas entre os lacanianos, e as controvérsias, razão de cisões nesses agrupamentos, como apontam diversos autores. Essa exposição excessiva do passe ao longo de mais de três décadas certamente produziu sua cota de inefável... Uma delas foi o *esquecimento do cartel originário*.

Nessa perspectiva gostaria de questionar a síntese que propõe cartel "do" passe. Escrevi sobre isto outro dia no *seminário-de-jairo*[12]. Quando me pergunto por que Lacan teria inventado o testemunho do passe, acho pouco dizer que era para fazer diferente da IPA ou para livrar a psicanálise da zona de sombra que pairava sobre os finais de análise... Há aí, a meu ver, uma indicação que está remetida aos efeitos da experiência psicanalítica (que ele dirigia) e o conceito de Escola que ele propõe - como lugar de acolhimento do ato analítico e conseqüentemente do mal-estar na cultura.

Daí encontrarmos ao longo de seu ensinamento (1967, 1969 e 1973) pelo menos duas propostas diferentes para o instante do passe - seja a da passagem de analisante a analista (a partir de um ato (analítico) fazendo nascer o *desejo-do-analista*, mas não só...), seja quando a análise chega mesmo a seu termo e os problemas cruciais da psicanálise se tornam daí em diante nossos problemas também.

O "cartel do passe" como um lugar para um testemunho levanta algumas indagações: 1. Qual a lógica que diz "cartel do passe" e ao mesmo tempo exclui o passante como membro? Quando Lacan propõe *Júri de aceitação* posso entender perfeitamente porque o passante fica de fora, posso até discordar. 2. Se é um cartel, podemos supor que entre os resultados possam estar apenas "as crises"...

O testemunho do passe está no âmbito da tradição oral, onde incluímos a análise e os seminários de Lacan. Vejo-o como um resquício - assim como o divã - na passagem mesma entre a análise que terminou e a comunidade a qual nos apresentamos a partir desse lugar de passagem.

Cabendo, no caso do *Júri de aceitação*, o resultado: passou ou não passou (?) e a apresentação dos resultados através de um relatório (...endereçado a Lacan???). Aqui reside uma questão ética que mereceria nossa consideração.

Admitir sem discutir um conceito inventado em um outro lugar de onde se optou por sair porque se discordava – politica, epistemologica e eticamente - de uma práxis, não mereceria um olhar mais atento de nossa parte?

IV) Enlaces e desenlaces: que laços para o cartel?

A proposta de Lacan sobre o cartel, até onde entendi, propicia a entrada pelo grupo na Escola porém de modo individual através do "título de trabalho" e do compromisso pedido para apresentação dos resultados. Essa proposta nos abre mais de uma interpretação sobre sua forma de funcionamento:

a) O cartel é inscrito na totalidade dos títulos de trabalho que cada uma das pessoas endereçou individualmente. Os membros pertencem ao mesmo agrupamento, por exemplo, ao Campo Lacaniano.

b) Uma pessoa endereça o título de trabalho podendo inscrever-se e nem todos os membros se inscrevem. Os membros pertencem ao mesmo agrupamento.

c) Uma pessoa endereça o título de trabalho podendo inscrever-se e nem todos os membros se inscrevem. Os membros pertencem a agrupamentos distintos.

d) Uma pessoa endereça o título de trabalho podendo inscrever-se e todos os membros do cartel se inscrevem. Os membros pertencem a agrupamentos distintos.

Considero importante refletirmos sobre esse último ponto de modo que torne possível ampliarmos nossos laços, pois os desenlaces são de estrutura tanto no cartel quanto na vida!

Rio de Janeiro, 6 de junho de 2000.

Notas Bibliográficas.

[1] Clarice Gatto, *O cartel nos debates sobre a futura Escola*, Rede da Ifcl, 6 de junho de 2000.
[2] Pierre Bruno, *Lettre*, Rede da Ifcl, 10 de maio de 2000.
[3] Colette Soler, *Vision d'Ecole*, Rede da Ifcl , 11 de maio de 2000.
[4] Bernard Nominé, *Esquisse d'Ecole*, Rede da Ifcl, 23 de maio de 2000.
[5] Jairo Gerbase, *Escola do Campo Lacaniano – ECL – Configuração*, 17 de maio de 2000.
[6] Luis Iscovich, *Forums/Ecole*, Rede da Ifcl, 28 de maio de 2000.

[7] Albert Nguyên, *Poursuivre avec Lacan : Vers une Ecole-Autre. (Dispositifs – Dispositions)*, Rede da Ifcl, 28 de maio de 2000.

[8] Foro del Campo Lacaniano en Venezuela, *Contribucion a las ideas sobre los dispositivos de Escuela*, Rede da Ifcl, 1° de junho de 2000.

[9] Antonio Quinet, *Perspectivas d'Escola: d'escolagem, decolagem. Contribuição ao debate*, Rede da Ifcl, 4 de junho de 2000.

[10] Nota de 26/6/2000. Relendo o texto de Jean-Jacques Bouquier "Du fonctionnement à la formalisation" (*Analytica*, 32) parte das minhas "elocubrações" sobre o cartel "do" passe foram elucidadas.

[11] *Egroups* onde são divulgadas as aulas desse seminário que ocorre no Campo Lacaniano de Salvador.

[12] Trabalho apresentado no Fórum do Campo Lacaniano de Belo Horizonte em novembro de 1999.

Cito: "Do funcionamento em cartel aliás, J. Lacan esperava alguma coisa, já que não deixou de afinar sua formalização de 1964 a 1980. Que ele tenha instituído dois cartéis para retomar a questão do passe, isto é, lá onde um funcionamento do júri de aceitação havia fracassado, manifesta a importância de sua expectativa. É verdade que, desde 1967, ele havia pedido que um cartel "Tornar-se analista" funcionasse no seio do júri de aceitação". Segundo o autor essa informação se encontra na Lettre Mensuelle, 9, p.16. (O autor não informa quando Lacan faz essa proposta a J.-A. Miller e a C. Conté para a formação dos dois primeiros cartéis da "comissão do passe"...)